

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MÚSICA NA PERSPECTIVA DOS ACADÊMICOS

Priscilla Harumi Shiozawa
UFG
pshiozawa@gmail.com

Nilceia Campos Protásio
UFG
nilceiaprotasio@gmail.com

Resumo: O presente trabalho investiga o Estágio Supervisionado do Curso de Música da Universidade Federal de Goiás (UFG) e suas contribuições para a formação de professores. Como o componente curricular do estágio leva o discente a vivenciar paradigmas sociais e educacionais da atualidade, vê-se este campo como gerador de conhecimentos para o desenvolvimento humano. A partir desse pressuposto, os questionamentos dirigem-se no sentido de refletir sobre as relações entre as experiências proporcionadas pelo estágio e a atuação pedagógica adequada para cada campo. São objetivos desta pesquisa: a) Analisar a importância do Estágio Supervisionado para a formação dos professores de música da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac)/UFG; b) Conhecer a estrutura do estágio no Curso de Música-Licenciatura, para compreender os papéis desempenhados pelos professores supervisores e orientadores no processo de formação; c) Analisar o processo de atuação do estagiário, considerando as experiências adquiridas nos diferentes espaços: educação básica, espaço formal e espaço alternativo; d) Identificar como as experiências de estágio contribuem para a autonomia do professor de música. Os procedimentos metodológicos consistem em pesquisa documental, especificamente, na análise do Projeto Pedagógico de Curso e Regulamento do Estágio da unidade acadêmica, e em coleta de dados em campo, por meio de entrevistas. Dados preliminares indicam haver o reconhecimento da importância das experiências que decorrem da prática do estágio, contribuindo para a reflexão e para o desenvolvimento da autonomia.

Palavras chave: Estágio Supervisionado; Professor de Música; Profissional autônomo.

Introdução

O presente texto apresenta dados parciais de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo analisar a importância do Estágio Supervisionado na formação do professor de



música, como uma oportunidade de diálogo entre teoria e prática, e por meio dessas experiências iniciar a reflexão sobre a prática e o desenvolvimento de sua autonomia profissional. Por conta da limitação deste trabalho, nosso enfoque se concentrará nos dados coletados por meio da entrevista com os acadêmicos.

Para analisar o papel que o estágio desempenha na formação docente do licenciando em Música, é necessário analisar as influências que ocorrem na formação docente e a ação pedagógica do acadêmico, enquanto estagiário, compreendendo que o estágio não se trata de uma “aplicação de teorias”, mas de um momento de aproximação do licenciando com a realidade em que irá atuar (PIMENTA, 1995).

Para isso, tomamos como objeto de estudo a experiência de estágio no Curso de Música – Licenciatura da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG, no sentido de compreender como o estágio está inserido na matriz curricular do referido curso e como se dá a articulação entre o conhecimento adquirido no curso e a construção da identidade profissional do futuro professor.

Perrenoud (1999, p.39, grifo do autor) considera de suma importância o desenvolvimento do profissional em seu campo de atuação:

Se as competências serão formadas *pela prática*, isso deve ocorrer necessariamente, em situações concretas, com conteúdos, contextos e riscos identificados. Quando o programa [de formação] não propõe nenhum contexto, entrega aos professores a *responsabilidade*, isto é, o poder e o *risco* de determiná-lo.

Hentschke (2000) defende que a instituição de ensino superior deve proporcionar oportunidade para que os acadêmicos vivenciem experiências em campo, pois esse tipo de atividade torna-se essencial para o desenvolvimento de competências dos futuros professores. Por sua vez, Azevedo (2007) aborda a importância da concepção prático-reflexiva que o estágio proporciona, promovendo a integração teoria-prática mediante a ação investigativa do licenciando.

O Estágio no Curso de Licenciatura em Música da Emac/UFG e a percepção dos acadêmicos sobre as experiências em campo

O Estágio Supervisionado constitui um dos eixos principais na formação do professor de Música e um dos elementos determinantes para a aproximação profissional do licenciando no campo de atuação.

É no estágio que o acadêmico coloca em prática os saberes musicais e pedagógico-musicais aprendidos durante sua licenciatura, analisando e comprovando as informações assimiladas teoricamente. É quando a teoria começa a dialogar com a prática, envolvendo o acadêmico, o espaço onde o estágio se realizará - com todas suas particularidades e complexidades - e a universidade, representada pelo professor orientador. (FIALHO, 2009, p. 53).

Para que a contribuição do Estágio Supervisionado atenda à pluralidade profissional do educador musical contemporâneo, é necessária uma estrutura consolidada, que contemple diversos conhecimentos, valores e relações interpessoais. Nessa perspectiva, o Estágio Curricular da Emac foi estruturado em seis estágios, de modo que: no Estágio 1, os licenciandos entendam os campos de estágio e aspectos ético-profissionais; no Estágio 2 e 3, eles venham a conhecer o espaço de ensino não formal; no estágio 4, os espaços formais, e nos Estágios 5 e 6, os alunos atuarão no Espaço de Ensino Básico, sendo estes destinados para Habilitação em Educação Musical, sendo que, para Habilitação em Ensino do Instrumento Musical e Ensino do Canto, os alunos atuarão em Escolas Especializadas de Ensino Musical públicos ou privados

Apresentaremos a seguir, parte da coleta de dados, que consistiram em entrevistas aos acadêmicos que cursam disciplinas relacionadas ao estágio curricular obrigatório. Os acadêmicos reconhecem que deve haver uma disciplina que venha realizar o vínculo entre a teoria e a prática.

[...] eu acho que tem essa necessidade porque na verdade, tira aquela teoria que a gente já tem na sala de aula e começa a prática, que é o que vamos fazer, ser professor na sala de aula. Então essa necessidade da licenciatura em música atende isso, tira essa teoria da sala de aula, e vou pra prática mesmo que é em campo, que é dar aula de instrumento. (Estagiário C).



Os estagiários, de um modo geral, valorizam a diversidade dos campos de atuação, mesmo reconhecendo as dificuldades enfrentadas. O Estagiário C, por exemplo, conseguiu perceber que a experiência de atuar em diversos espaços, neste caso, uma turma de teoria musical, contendo aproximadamente 15 alunos que possuíam um ritmo de aprendizado diferente, pode lhe proporcionar uma visão mais ampla do que é possível realizar nas aulas de músicas.

Eu fiquei na aula de teoria, (...) mas achei muito interessante porque eu nunca tinha entrado numa sala de aula assim, de música mesmo, sabe?! (...) Achei um pouco lento o processo, tinha que ser algo mais acelerado por ser espaço específico de música. Seria uma coisa assim... até pelo prazo mesmo, por ser um semestre, né? Seria uma coisa mais rápida. Só que eu gostei muito, foi uma experiência muito boa pra mim [...]. (Estagiário C).

Na prática do estágio onde ele estava conduzindo aulas de seu instrumento, o referido estagiário se sentiu à vontade, podendo atuar na sua área. Mas o campo que mais lhe chamou atenção foi justamente o espaço de Educação Básica, superando suas expectativas e contribuindo para a sua formação pedagógica.

A vivência que mais contribuiu foi essa até agora. Mesmo que eu dê aula de instrumento lá na academia, só que essa marcou um pouco mais. Porque a primeira coisa que eu estava receoso, foi com as crianças, será que elas vão me ouvir? Vai virar uma bagunça. Mas cheguei lá e eles obedeceram, as professoras ficaram no fundo observando e no final falou bem assim: “ Não, você tem que ter mais pulso com eles, você não pode ficar muito assim, sabe?!”. (Estagiário C).

Para o Estagiário E, em sua entrevista ele afirma que estar inserido no campo de estágio foi uma boa experiência, apesar de ser um tanto turbulenta e, por vezes, problemática. Mas no sentido de conhecer as diferentes realidades, de estar em contato com diversos setores de ensino do canto – já que esta era sua área – e diversas faixas etárias, o acadêmico constatou que a intervenção requer dedicação e estudo. Esta postura é inerente a experiência de campo como ressalta Alarcão (1996) a respeito da necessidade desta reflexão crítica sobre a realidade



em que o licenciando atua identificando as melhores ações no decorrer de sua prática pedagógica.

A avaliação dos acadêmicos sobre a atuação nos diferentes espaços foi positiva, mas alguns pontos foram ressaltados dentro dos diferentes estágios distribuídos na matriz curricular. De acordo com Perrenoud e Thurley (2002 p. 17), o curso de formação deve elaborar um plano de ensino baseado na realidade para não ocorrer equívocos e a não aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos, entretanto foi constatado nas respostas dos alunos que o conteúdo abordado pelo professor orientador da universidade no primeiro semestre de estágio foi pouco significativo, sobretudo, por se aterem à observação em campo.

Bom... primeiramente, eu acho que não vi nada de tão interessante pra ser assim...realista. Porque nós só fizemos umas visitas nas unidades onde estavam havendo um link com a universidade. Conhecemos o local, a sala onde acontecia as aulas de música. (Estagiário C).

[...] eu participei de cinco estágios, os cinco estágios que me foram ofertados aqui eu achei que foram de maneira equivocada, eu falo isso porque o estágio 1 ele demonstrou mais uma leitura e um exemplo de como deveríamos nos comportar perante a sala de aula [...] (Estagiário D).

Segundo Bellochio (2000, p. 221), ocorre uma perda significativa quando dentro da experiência de campo. A universidade não empreende esforços para que esse espaço forneça significação suficiente para demandar o fluxo e refluxo da formação acadêmica, isto é, passa a ser uma prática assumidamente dicotômica, de modo que a teoria e a prática não dialogam.

Ainda relacionado aos campos de estágio, os estagiários relatam que no primeiro contato com o campo, mais especificamente em projetos sociais, eles assumem a regência da turma, muitas vezes, com ansiedade e temor, porque em diversas circunstâncias o professor supervisor está ausente no campo.

Conforme relato da Estagiária E, é preciso ter autonomia e agir de forma independente, já que nem sempre o curso de formação oferecerá materiais e recursos.



Não teve no estágio um banco de acesso, algo que disponibilizasse material, que fomentasse. É tipo ‘se vira’, pegue com alguém. [...] eu consegui reger o coro, foi bem legal, mas foram as minhas idéias, do meu jeito e a música que eu levei. [...] repertório mesmo, partitura de coro infantil eu não tenho, e foi tudo de ouvido mesmo. (Estagiária E).

A partir do quarto semestre de estágio, os acadêmicos se sentem mais seguros para atuar de modo produtivo nos conteúdos que lhe são exigidos e, de certa forma, ficam mais atentos ao professor supervisor – que, por muitas vezes, tomam como exemplo e motivação.

Do espaço formal... uma coisa que eu levei pra mim de algo positivo foi o domínio com professor x, que tem como conteúdo e o domínio de como passar. Eu achei muito interessante, e eu inclusive tinha comentado com ele que, se de fato eu for seguir a carreira de Educador Musical eu queria ter o estilo como ele, porque dá pra ver que ele tem o respeito dos alunos [...]. Mas a forma dele ensinar ficou bastante marcada pra mim e ele também dava muito espaço pra gente reger também. (Estagiário A).

Para o Estagiário C, ter um professor supervisor em campo foi necessário para que pudesse ser orientado e seguro sobre a abordagem do conteúdo. Isso o auxiliou para o desenvolvimento de sua atividade em campo.

Agora educação básica mesmo, quando eu fui pra esses alunos lá eu fiquei meio assustado, sabe? Eu pensei assim: “Nossa... nunca falei pra meninos tão pequenos!” Aí fiquei meio assim... nervoso. Mas conversei com a professora, e na orientação, “qual aula que eles estão pegando com a professora?” Eu falei: ‘eles estão pegando a música tal’, e ela falou: ‘então você pode trabalhar assim. Você pode trabalhar, timbre, altura’. (Estagiário C).

Para que não haja um equívoco no processo de uma prática sem a devida reflexão reduzindo-a à simples utilização de técnicas aprendidas, um dos meios instituídos pela disciplina de estágio é a utilização de relatórios, podendo ser semanais ou semestrais. Enquanto alguns relatam que as reflexões feitas por meios dos relatórios são “perdidas” ou “sem sentido”, outros ressaltam a importância dos registros. Para o Estagiário B e D, o relatório possui uma função importante na questão da sua formação profissional e na análise pessoal.



Ele é importante porque eu posso fazer uma reflexão de como foi todo o processo de estágio, mas para o curso eu não vejo o retorno, tipo assim, a gente faz a reflexão em cima do que a gente aprendeu das dificuldades encontradas do semestre... (Estagiário B)

O relatório final é muito importante porque demonstra o que foi trabalhado. A gente pode recorrer como foi trabalhado o domínio do professor, e o que a gente trabalhou em cada sala de aula. Diria até que como fosse um plano de aula, como se fosse um mapa há pra gente seguir, não à risca, mas seguir os mesmos caminhos que a gente trabalhou porque daria pra ver o que deu certo e o que deu errado. (Estagiário D)

Segundo o Estagiário B, os relatórios poderiam ser melhores aproveitados, tornando a atividade mais significativa.

[...] a gente não tem retorno dos relatórios e parece que fica só pra finalizar disciplina mesmo, e não sei, parece que até mesmo por conta dos professores, eu não vejo eles comentando, nem trazendo esse feedback pra gente. O quê que a gente apontou, a nossa própria atuação mesmo, né? Então, é importante sim, mas parece que fica só pra disciplina mesmo, eu não vejo retorno; aonde esse relatório está sendo aproveitado para o curso, pros Estagiários que estão vindo. (Estagiário B).

Para Freire (1996, p. 22), a reflexão crítica sobre a prática é um dos momentos fundamentais para que os aprendizes possam repensar e melhorar a próxima ação. É por meio dessa atividade que ocorre a superação de uma postura ingênua da docência, tornando um profissional mais capacitado para lidar com a complexidade do ato de ensinar.

Dos cinco entrevistados, somente o estagiário A e o estagiário C apontaram questões específicas de experiências de campo que propiciaram a construção de seu perfil profissional. Esses dois estagiários foram coincidentes em apontar que os campos que possuem melhores estruturas conseguem trazer experiências significativas ao ponto de contribuir para o desenvolvimento da autonomia. Os demais estagiários não deram esse caráter especificamente para a disciplina de estágio, mas sim, para os professores da universidade que os capacitam para a autonomia.



O estagiário A reconhece que alguns professores da universidade foram pessoas determinantes para o desenvolvimento de sua autonomia e postura reflexiva, tirando-lhe de um mundo de utopia e de teorias distanciadas de sua realidade. Esses professores foram exemplos reais de que é possível ter uma prática educacional, produtiva e real dentro de um campo de trabalho e de como a música pode exercer a sua função social.

O estagiário C conseguiu levar essa visão de reflexão e autonomia no decorrer de toda a sua experiência de estágio. Ele discursa baseado em uma visão preocupada em atender às necessidades de seus alunos e de forma a inseri-los socialmente, exemplificando uma experiência transcorrida no campo da educação básica, onde teve contato com alunos com necessidades educativas especiais.

É possível observar que a leitura dos diversos textos indicados pelos seus professores da universidade no decorrer do curso, de fato, contribuiu para um maior embasamento teórico, possibilitando a reflexão das experiências, elaboração de novas metodologias, a partir das referências bibliográficas e das propostas de ensino.

O estágio tem proporcionado isso, e os textos reflexivos também, eles são muito interessantes. Às vezes, mesmo que eu acho chato fazer aquela reflexão, eu gosto muito. Às vezes, ficamos reclamando na sala, é muito interessante porque ela [a professora] passa uns textos que é bem..., praticamente aquilo que a gente vai precisar na hora da aula. Ai esses textos me ajudam, com orientação do professor em sala de aula e você mesmo, procurar aqui refletindo, lendo, como está indo o andamento, não então vou por outro lado, pegar outro método pra ver se funciona. (Estagiário C).

Reforçando o papel dos professores, o Estagiário D atribui a conquista da autonomia, aos diversos exemplos de professores que lhe foram importantes para o desenvolvimento dessa prática, e que não é um aspecto exclusivo do estágio.

Tem muito professor aqui na universidade que eu vou lembrar pelo resto da minha vida e pelas aulas que eles deram, pela liberdade que eles deram e essa questão que foi colocada que não somente no estágio, mas em relação as outras aulas essa autonomia que dá esse segmento de como lidar com o pensamento dos alunos. (Estagiário D).



Por sua vez, a Estagiária E considerou suas experiências de campo pouco positivas, admitindo que a busca da autonomia deu-se pela reflexão e pela leitura de textos referentes a outras disciplinas do curso.

Nessa construção da autonomia fica algo bem pessoal e todos os textos que você leu lá sobre criatividade, psicologia da educação, você vai se virando, você vai catando o que você tem ali e se você não tem nada você corre atrás. (Estagiária E).

Podemos constatar que a estrutura do Estágio, assim como as atuações nos diferentes espaços, a coerência no conteúdo abordado pela disciplina do próprio estágio e o constante diálogo são fatores que contribuem para o desenvolvimento da autonomia profissional. Por meio da coleta de dados em campo, os dados parciais indicam que as experiências de estágio podem influenciar a tomada de decisões do professor de música nos diferentes contextos educativos.

Considerações finais

Em análise preliminar, concluímos que o estágio supervisionado obrigatório, em suas diferentes disciplinas no curso de formação, é visto como fundamental para a identidade e formação profissional do docente em música, mesmo reconhecendo que é um constante desafio: regulamentar, organizar e estabelecer todas as dinâmicas para seu funcionamento.

Reconhecendo que o estágio pode levar o discente à reflexão da prática, assim como desenvolver sua autonomia no decorrer do exercício docente, espera-se que este trabalho fomente discussões que levem não somente a Universidade a ampliar as experiências ligadas ao estágio supervisionado, mas aprofunde reflexões sobre a prática pedagógica dos professores de música, atendendo às diversas demandas dos espaços educativos.

Referências

ALARCÃO, Isabel. *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996.

AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho Cascelli. *Os saberes Docentes na Ação Pedagógica dos Estagiários de Música: Dois estudos de Caso*. Porto Alegre: 2007. Tese (Doutorado em Música) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. *A Educação Musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2000.

BORGES, Maria Helena Jayme. *O ensino do piano e o desenvolvimento da autonomia: uma experiência inovadora*. Araraquara: 2001. Tese (Doutorado em Música) Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Araraquara, 2001.

FIALHO, Vania Malagutti. *A orientação do Estágio na formação de professores de música*. In: Teresa Mateiro e Jusamara Sousa (Orgs.) *Práticas de Ensinar Música: Legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 53-64.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

HENTSCHKE, Liane. OLIVEIRA, Alda. *A Educação Musical no Brasil*. In: HENTSCHKE, Liane (Org.). *A educação musical em países de língua neolatina*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

PERRENOUD, Phillipe. *Construir competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. THURLER, Mônica Gather. *As competências para ensinar no século XXI. A formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores*. São Paulo: Cortez, 1995.